

TRAMA E PODER. A TRAJETÓRIA E POLÊMICA EM TORNO DAS INDÚSTRIAS DE SACARIA PARA O CAFÉ (SÃO PAULO 1888-1934)

*Etelvina Maria de Castro Trindade**

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Trama e Poder. A trajetória e polêmica em torno das indústrias de sacaria para o café (São Paulo 1888-1934)*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1996, 237 p.

Premiado em 1994 no Concurso SESI-CNI de teses universitárias, *Trama e poder* de Maria Izilda de Matos teve então uma primeira publicação institucional, reaparecendo agora em edição comercial pela Sette Letras do Rio de Janeiro.

Situado nos limites do econômico, do social e do cotidiano, o livro traz à luz a trajetória das indústrias de juta em São Paulo ao final do século passado e início deste, o dia-a-dia das fábricas, o conflito entre capital e trabalho e os meandros da política econômica da Primeira República. Seu recorte temporal privilegia o declínio do período imperial, quando porém já se delineavam os destinos da cafeicultura e estabeleciam-se as primeiras bases da formação do parque industrial paulista, e brasileiro, para chegar até o final da fase áurea do café, quando se esgotavam todas as políticas construídas em defesa desse produto, ao final da década de vinte deste século.

Considerada um setor menor na atividade industrial do período, a indústria de sacaria para acondicionamento do café teve, no entanto, um papel significativo no panorama econômico, muito em função de sua ligação com o setor cafeeiro, mas justamente por se inserir no momento da constituição do sistema fabril no país e da expansão da indústria têxtil.

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

Há nesse trabalho temas que tocam a sensibilidade do leitor, como a reconstituição do perfil de Jorge Street, empresário de idéias avançadas e concepção paternalista das relações de trabalho; ou quando o texto recupera as condições diárias do trabalho de mulheres e meninas no interior das fábricas e das moradias.

Mas ele traz também o pano de fundo, o conhecimento seguro das análises de cunho econômico e de uma tarefa exaustiva de pesquisa. Com muito fôlego, ele percorre uma extensa e diversificada documentação que vai das fontes institucionais aos registros das indústrias, à produção técnica das ciências agrárias e ao acervo das instituições de classe. A recolha de massas documentais de difícil acesso e a utilização de outras nem sempre utilizadas para subsidiar trabalhos mais específicos constituem um dos grandes méritos deste trabalho.

Por tudo isso, acompanhar o fio condutor tecido pela autora torna-se um agradável percurso através de um roteiro que contempla, num primeiro momento, o conjuntural, ao descrever o estabelecimento da indústria de sacaria em São Paulo; chega ao específico, o interior das fábricas; e atinge o âmbito mais geral da polêmica institucional sobre o processo industrial no período, incluindo o confronto entre os interesses agrícolas e os da indústria nascente no país.

Tal caminhada não descarta ainda o processo de luta e as formas de resistência dos trabalhadores, investigando suas estratégias de resistência e práticas de confronto estruturadas numa experiência arduamente construída. A feliz escolha dos títulos de cada unidade, "Trama e urdume", "Trama e conflito", "Trama e poder", já antecipa a acuidade com que são tratadas as diversas temáticas que os compõem.

O ponto de partida é, a um só tempo, amplo, conciso e minucioso. A descrição do nascimento da indústria de sacaria de juta é construída sem descuidar o contexto maior onde já se delineia o confronto entre posições que defenderão o estabelecimento de uma indústria nacional no setor e as que, ligadas às atividades de importação, lutarão pela valorização do produto importado. Uma polêmica que se constituirá em *leitmotiv* do texto até o seu final.

Dessa forma, o primeiro capítulo estabelece já as bases para a compreensão total do processo, ao mesmo tempo em que oferece as informações necessárias sobre as especificidades da atividade que é objeto do estudo. Descreve a implantação das primeiras fábricas do setor e acompanha seu crescimento com economia de detalhes, mas fornecendo elementos suficientes para o entendimento da forma como era conduzida a confecção dos sacos, desde a importação da fibra ou do tecido, até os aspectos técnicos da construção das unidades produtivas, da instalação da maquinaria e do processo de fabricação.

Tratam-se de indústrias de grande porte, embora distribuídas em poucas unidades, cujos proprietários muitas vezes agiam de forma a constituir um verdadeiro “truste” que reunia alguns nomes de proeminência na elite empresarial da época, como as famílias Penteado e Guinle e o industrial Jorge Street. Por isso mesmo, recuperar o papel desses empreendimentos na conjuntura do início do século é de extrema importância para desvendar o significado oculto de muitas polêmicas que se ocultavam sob as rubricas da defesa de determinadas linhas de pensamento econômico ou determinadas concepções dos que seriam chamados interesses nacionais. Só assim será possível chegar à verdadeira trama subjacente aos aspectos formais da conjuntura. Atingir esse conhecimento é a promessa do livro e o que aponta esse capítulo.

Do contexto maior da instalação das indústrias de juta, o leitor é, em seguida, transportado ao interno e obscuro ambiente do trabalho e da vida nas fábricas, para depois chegar aos espaços domiciliares, onde se realizava a tarefa final da costura dos sacos.

O segundo capítulo procura reunir — como sugere seu título — trama e conflito. Para isso percorre o espaço das fábricas, levantando dados que fornecem informações sobre a composição do operariado, destacando a presença maciça de adultos e crianças do sexo feminino nas funções de menor porte, sendo reservadas ao sexo masculino as atividades que exigiam maior potencial físico e conhecimento técnico, ou posições de controle e mando.

Nesses locais é possível detectar as precárias condições de trabalho a que eram submetidos os trabalhadores, sem dispositivos de segurança e privados de legislação social que os amparasse: “As indústrias de juta em São Paulo apresentavam problemas nas instalações fabris, que, somados às questões advindas do processo de trabalho, compunham um ambiente comprometedor (luz, umidade, ventilação, ruído, poluição)”.

Não eram melhores as condições do trabalho a domicílio — na maioria localizados em cortiços — onde se agrupavam mulheres encarregadas de fazer à mão a costura da sacaria. Consistindo também atividade tipicamente feminina, essa tarefa tinha a virtude de inserir as costureiras no mercado urbano de trabalho, sem desviá-las demasiadamente da sua condição de mãe e de seus deveres domésticos.

Mas fosse qual fosse o sexo dos trabalhadores ou sua situação ocupacional, dentro ou fora da fábrica, o quadro de lutas sociais do período veio a se reproduzir inevitavelmente no contexto da indústria de sacaria, arregimentando os trabalhadores em greves, movimentos de protesto e várias formas de reação passiva. No caso dessa última forma de reação, a costura a domicílio se prestava sobremaneira à ação que se expressava no atraso da entrega e na má qualidade das costuras que vinham a se romper com demasiada facilidade.

A autora lembra ainda que a prática dessas empregadas não foi um fenômeno isolado, nem se restringiu aos recintos de trabalho. Pelo contrário, "suas reivindicações não se limitavam à defesa de seus interesses específicos como trabalhadoras, mas abrangiam questões mais gerais; nas ruas, nos domicílios, na cidade e na fábrica, elas desenvolviam práticas cotidianas, formas concretas de resistência e luta".

A retomada das práticas de enfrentamento e resistência que opuseram patrões e operários, desvendam momentos de luta quando fica desmistificada a suposta passividade das mulheres frente às precárias condições de trabalho atribuídas ao seu sexo.

O contraponto evidente a essas atitudes se manifestava na reação do patronato que, à semelhança do que ocorria nos demais setores industriais, oscilava entre repressão e demissões ou o controle mais sutil do dia-a-dia da vida operária, com a criação de vilas que possibilitavam aos empresários um controle direto sobre as ações de seus empregados. No caso da sacaria de juta, o representante mais acabado dessa política foi Jorge Street, cuja posição face às questões trabalhistas se expressava de forma muito consistente em escritos que forneceram material para uma análise sobre os rumos tomados pelo discurso empresarial diante da emergência de um proletariado que se encaminhava para posições cada vez mais conscientes de seus direitos. O acompanhamento de suas reflexões, enquanto homem de negócios e representante do pensamento de uma categoria em determinada época, foi de muita importância para o desvelar a situação complexa das relações de trabalho no setor em estudo, podendo a autora destacar, ao final do trabalho, a ação de Jorge Street como elemento de modificação e enriquecimento do processo de lutas e enfrentamentos entre patrões e empregados.

Mas as oposições não se apresentavam apenas no campo de trabalho e de suas relações, abrangendo o contexto maior da política econômica da Primeira República, em que se travaram as polêmicas que o estudo vinha apontando desde seu início. Essas controvérsias descritas no terceiro capítulo, em que a autora insere seu tema nas contradições de um regime pretensamente liberal, mas onde são predominantes os interesses da oligarquia agro-exportadora. Umbilicalmente ligado à cafeicultura, mas também emergente de um setor em expansão e em vias de consolidar sua posição, a indústria de sacaria tem ainda que afirmar seus direitos face aos interesses de indústrias concorrentes, como as do algodão, e também face à política estatal.

Os debates referentes à artificialidade de uma atividade industrial que dependia basicamente de matéria-prima importada, o insucesso das tentativas de introdução de fibras nacionais na fabricação e o sempre persistente debate sobre as vantagens da importação sobre a produção nacional levaram os industriais do setor a se tornarem

“experts” no assunto. O recurso a um discurso de bases científicas fê-los recorrer aos profissionais da área agrônômica e a se afinarem com a ideologia nacionalista que dava o tom ao momento de consolidação da república brasileira.

Aí destaca-se novamente a figura de Street, que possuía informações abundantes sobre as ocorrências ligadas às esferas do governo, nas quais cultivava contatos de origem formal ou informal, além de desenvolver, juntamente com outros empresários da área, conhecimentos minuciosos sobre o processo de produção e comercialização da juta. A discussão por ele conduzida “apoiava-se em fontes estatísticas, exemplos numéricos e principalmente no saber agrônômico; pretendia, além disso, argumentar, mudar opiniões e, de certa forma, também camuflar as contradições em nome da harmonia social”.

O estudo recupera, assim, o importante papel social e político dessa fração da burguesia industrial que soube organizar-se internamente e resolver seus mais sérios confrontos com o proletariado, com os cafeicultores e comissários, e também com o Estado. Para tanto, buscou relacionar a organização da indústria brasileira à construção de uma identidade nacional da qual deveriam ser rejeitadas todas as forças retrógradas que representavam o atraso e a estagnação.

Trama e poder chega, assim, ao seu final cumprindo a promessa feita no início: “reconstruir o processo de industrialização do setor têxtil de juta, destacando as práticas dos industriais na defesa de seus interesses e recuperando o perfil e a ação de seu operariado”.

E o fez atingindo bem mais do que isso. Mediante um rico diálogo com a produção historiográfica sobre o período, o livro traça um painel sobre um momento significativo da História do Brasil, quando a indústria nascente ainda não é suficientemente forte para se impor diante das políticas governamentais, mas já é bastante importante a ponto de criar polêmicas e preocupações quanto a seus rumos e campos de atuação. Com isso, pode-se entender a expansão da indústria têxtil no Brasil, e da juta em São Paulo, como “um processo de lutas em que alternativas historicamente colocadas abriram-se e esgotaram-se em função do próprio poder das forças em conflito”.

O estudo traz ainda mais uma contribuição importante às investigações sobre as tensões que marcaram a formação do proletariado durante a República Velha e revela um filão muito rico para a História das Mulheres, ao desvendar aspectos inéditos da participação feminina, dentro e fora das fábricas. Por tudo isso, ele é uma leitura indispensável para os pesquisadores desses temas e recomendável a todos os que desejam desenvolver maiores conhecimentos sobre esse momento profícuo da nossa história.